

‘Ciência e Saber Local Para Uma Educação Contextualizada no Rio dos Cochos’

Ana Cristina Campos Rodrigues, bolsista do PIBIC/CNPq, 8ºmódulo de Ciências Biológicas, anacris_bio@yahoo.com.br, UFLA; Deborah Mattos Guimarães Apgaua, 8ºmódulo de Ciências Biológicas, deborha_ufla@yahoo.com.br, UFLA; Thiago Magalhães Meireles, 7ºmódulo de Engenharia Florestal, thmeireles@hotmail.com, UFLA; Áureo Eduardo Magalhães Ribeiro, Orientador – DAE / UFLA, eduardomr@ufla.br.¹

A Sub-Bacia do Rio dos Cochos está localizada no Semi-Árido, região de clima meio árido marcada por irregularidades de chuvas. Apesar de ser conhecida pelo alto índice de pobreza, apresenta potencialidades na produção de alimentos e outras. Com o objetivo de valorizar o saber local, existe a proposta de uma educação contextualizada, aproximando a escola da comunidade. O Curso organizado pelo Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Obers / UFLA, o qual recebeu o nome de ‘Ciência e Saber Local para uma Educação contextualizada no Rio dos Cochos’ teve como objetivo estreitar as relações dos docentes com a população rural e as organizações que atuam neste território. Estiveram presentes professores de todas as escolas da região, e durante o curso mostraram interesse em conhecer e se envolver com a comunidade local. Durante a avaliação do curso foram explanadas as expectativas e iniciativas tanto dos professores, como das organizações locais, e todos avaliaram como positivo, este primeiro passo para sua aproximação.

Palavras chave: Semi-Árido, Curso, Agricultura Familiar, Educação Contextualizada.

Introdução

As comunidades rurais da Sub-Bacia do Rio dos Cochos, localizado na Bacia do Rio São Francisco, norte de Minas Gerais, mais precisamente nos municípios de Januária e Cônego

¹ Financiado pelo CTHidro/CNPq em parceria com Cáritas Diocesana de Januária e ASSUSBAC. Projeto realizado nas comunidades rurais do município de Januária, MG.

Marinho, tem sido cenário de um projeto de Revitalização do Rio São Francisco idealizado pela Associação dos Usuários da Sub-Bacia do Rio dos Cochos (ASSUSBAC) e Cáritas Diocesana de Januária. O Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Obers da Universidade Federal de Lavras tem trabalhado em parceria com estas entidades no desenvolvimento do Projeto de Apoio à revitalização do Rio dos Cochos (aprovado no Edital 035/2006 CNPq).

Uma das atividades realizadas em 2008, foi a “Semana do Meio Ambiente” organizada com os parceiros e com professores e alunos do Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Montes Claros. Foram ministradas oficinas de temas relacionados ao meio ambiente em três escolas localizadas nessas comunidades. Foram três dias de oficinas, e ao final de cada dia, as universidades e os parceiros se reuniam para fazer uma avaliação. Na última reunião de avaliação, onde estavam presentes as universidades e os parceiros, foi identificada certa distância entre os professores das escolas e os atores dos projetos realizados nessas comunidades; e, portanto levantado como demanda, um curso com o objetivo de integrar os professores à realidade local.

O Curso que recebeu o nome de ‘Ciência e Saber Local para uma Educação contextualizada no Rio dos Cochos’ aconteceu nos dias 20 e 21 de novembro de 2008. Teve como objetivo capacitar docentes que atuam na região do rio dos Cochos, municípios de Januária e Cônego Marinho, no conhecimento dos recursos hídricos, humanos e culturais da região, buscando ainda conhecer e valorizar as experiências e iniciativas para revitalizar o rio que drena a região. Também se buscou estreitar as relações dos docentes com a população rural e as organizações que atuam neste território.

Referencial Teórico

A rede de ensino da educação básica da área rural, de acordo com os dados levantados no Censo Escolar 2002, corresponde a 107.432 estabelecimentos, o que representa 50% das escolas do País. Aproximadamente a metade dessas escolas tem apenas uma sala de aula e oferecem, exclusivamente, o ensino fundamental de 1ª a 4ª série (INEP, 2006). Esses dados refletem o contexto socioeconômico-histórico relacionado diretamente com a estrutura fundiária brasileira, caracterizada por uma grande concentração da propriedade da terra na mão de poucos. (INEP, 2006).

O Semi-Árido, região de clima meio árido marcada por irregularidades de chuvas, onde está localizada a Sub-Bacia do Rio dos Cochos, rio afluente do Rio São Francisco, apesar de ser conhecido, pela maioria das pessoas, devido o alto índice de pobreza, tem grandes

potencialidades tanto na área turística como na área da produção de alimentos, como o mel, o caju, a cabra e tantas outras atividades que se adaptam as características geoambientais da região (Lima, 2008).

Segundo Mattos (2004), a educação desenvolvida no semi-árido é construída sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reproduz em seu currículo uma ideologia preconceituosa e estereotipada que reforça a representação do semi-árido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e do seu povo.

É devido às potencialidades da região e ao falso discurso de semi-árido como espaço de pobreza, que a proposta de uma educação contextualizada concebe o semi-árido como tema indispensável nas salas de aula da região, através do enfoque na convivência sustentável dos educadores e educandos com o meio em que vivem usando a lógica educativa emancipatória que valoriza a cultura, a história, as vivências, a força do povo do Semi-árido. (Rede)

A idéia de que o lugar pode ser um importante instrumento educacional foi proposta por John Dewey num ensaio em 1897, onde propõe que “façamos das nossas escolas uma comunidade embrionária... com tipos de ocupação que reflitam a vida da sociedade mais ampla.”.

Edgar Moran coloca que...

“As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também recoloca-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização.”

Material e Métodos

O curso foi coordenado pelos professores Paulo Sérgio Lopes (agrônomo, mestre e doutor em Fitotecnia pela UFLA) e Áureo Eduardo Ribeiro (economista/UFGM, mestre/Unicamp, doutor/Unicamp) e certificado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Lavras. A pauta foi desenvolvida pelos estudantes de graduação, técnicos e pelo coordenador do Núcleo PPJ, em colaboração com os parceiros do ICA e com importante apoio logístico do técnico da Cáritas e por membros da ASSUSBAC. Foi organizado de maneira que em cada uma das três comunidades fosse apresentada uma parte teórica e uma visita externa.

Teve apoio do CNPq / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Ministério de Ciência e Tecnologia / Governo Federal (Projetos 555902-06-4; 555901/06-8; 555929/06-0) e da FAPEMIG / Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais / Governo de Minas Gerais (Projeto PPM).

Foram oferecidas 20 vagas para docentes das escolas das comunidades rurais de Sumidouro, Sambaíba e São Bento, indicados em acordo por professores das escolas e diretoria, mais três vagas para outras entidades.

O curso teve início na Comunidade Cabeceira dos Cochos com um café da manhã na casa dos agricultores Joaquim Ferreira e Ana Ferreira. A parte teórica aconteceu na sede da Associação comunitária da Cabeceira dos Cochos, onde todos se apresentaram. O primeiro tema tratado foi o 'Saber Local: conhecimento, conhecimento local, re-emergência de conhecimentos tradicionais e etnias, saber local e etno-desenvolvimento'. Com a orientação do agricultor e membro da ASSUSBAC, Antonio Justiniano dos Santos, os professores foram levados a uma área de vereda para discutir a respeito de extrativismo e artesanato; histórico e visita ao rio, situação atual da população do local e migração. Um almoço foi servido na comunidade de Sambaíba, a qual sediou o segundo tema 'Frutos Nativos'. Foi apresentada pelo professor do ICA a palestra: 'Potencialidades de produção e problemas de qualidade e comercialização a partir dos resultados de pesquisas', e pelo técnico do ICA a palestra: 'Processamento, valor nutricional e alimentar, valor e renda potencial dos frutos do cerrado'. Nessa comunidade foram feitas duas visitas, sendo uma na nascente dentro da comunidade, onde houve a explicação do agricultor Antonio Justiniano dos Santos, e outra no entreposto de beneficiamento do pequi, onde as mulheres responsáveis fizeram uma apresentação da associação, das famílias envolvidas, explicação de suas atividades, cuidados sanitários, o processo de produção do despulpamento do pequi para comercialização e também dos resultados sociais, ambientais e econômicos alcançados. O segundo dia de curso teve início na casa do agricultor e membro da ASSUSBAC, José Geraldo Ribeiro Mattos, onde foi servido um café da manhã com quitandas e sucos de frutos nativos. O tema tratado nesta comunidade foi 'Recursos hídricos'. Foi feita uma explicação sobre o ciclo hidrológico pelo professor do ICA, e uma visita à 'barraginha' construída em curva de nível, guiada pelo agricultor José Geraldo Ribeiro Mattos, este sendo um sistema utilizado pelos agricultores da região para barrar a água e impedir o escoamento de terra exposta para o leito do rio. A outra visita foi a uma experiência de recuperação das matas ciliares na propriedade dos mesmos agricultores. O almoço foi servido na comunidade de São Bento, onde foi tratado o quarto tema 'Políticas Públicas Para o Semi-Árido' e foi apresentado pelo professor Eduardo Ribeiro a palestra:

‘História do Semi-Árido, a relação entre seca e pobreza, seca e movimentos sociais, seca e coronelismo; regime de terra.’, a apresentação de um representante da ASA: Articulação do semi-árido (ASA): história, programas e convivência com o semi-árido, uma visita a uma experiência de uma cisterna de captação de água, guiada pelo agricultor e membro da ASSUSBAC, Jacy Borges de Souza . Nesta comunidade também foi feita uma avaliação e o encerramento do curso.

Resultados

Ao todo estiveram presentes 16 educadores das comunidades rurais da Sub-Bacia, entre professores, diretores e inspetores, sendo seis da Escola Estadual Faustino Pacheco localizada em duas sedes nas comunidades de Bom Jantar e São Bento, nove da Escola Estadual de Sambaíba na comunidade de Sambaíba, uma da Escola Municipal de Sumidouro na comunidade de Sumidouro. Também estiveram presentes uma pedagoga e um gerente executivo organizadores do Projeto Pandeiros, realizado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF).

Durante as atividades foi notado pela equipe das Universidades que alguns professores já manifestaram interesse em levar os alunos nessas áreas. Os professores de Sambaíba manifestaram interesse em criar uma parceria com o entreposto de beneficiamento do pequi.

O resultado deste trabalho pode ser evidenciado pela avaliação dos participantes feita na dinâmica final dentro da grade do curso que teve como objetivo aproximar o diálogo entre professores e os agentes de projetos. Foram separados dois grupos: Grupo dos parceiros e responsáveis pela atuação dos projetos na região, tais como ASSUSBAC, Cáritas de Januária, IEF-Januária e ASA, e o outro composto por professores das escolas rurais das comunidades da Sub-Bacia do Rio dos Cochos. Após a discussão dentro do grupo, os professores foram convidados a explanar quais seriam suas iniciativas a partir do curso e quais são suas expectativas em relação aos parceiros. Num segundo momento, os parceiros foram convidados a falar quais seriam suas iniciativas e quais são suas expectativas em relação aos professores.

	Iniciativas próprias	O que esperam da Cáritas e ASSUSBAC
P	-Mais cursos de capacitação.	-Ações- Colocar em prática o ‘blá blá blá’.
R	-Aproximação com a comunidade escolar.	-Que as entidades incluam as escolas nos projetos
O	-Reuniões de esclarecimentos dessas práticas das	-Fortaleçam a parceria.

F E S S O R E S	associações. -Convidar as entidades para participar de pequenos projetos dentro da escola. -Intercambio dos alunos. -Mudar e melhorar a estrutura das escolas. -Buscar apoio junto aos órgãos. -Multiplicar conhecimentos adquiridos aos alunos, familiares, servidores e professores. -Promover estudo de campo para entender a realidade social e ambiental. -Desenvolver projetos. -Encontros com os alunos e professores. -Mais aproximação com outros órgãos. -Palestras envolvendo o pessoal da associação -Instrumentalizar melhor os professores	-Socializem os projetos com as escolas. -Uma viagem às Universidades para cursos de capacitação. -Mais comunicação. -Mais participação dentro das escolas. -Parceria com o entreposto para produção de produtos como doce e conserva.
	Iniciativas próprias	O que esperam dos professores
P A R C E I R O S	-Desenvolver encontros educativos, campanhas e eventos. -Trabalhar com os alunos a importância de sua própria identidade, flora, fauna e saber local. -Promover feiras de cultura sobre o programa Rio dos Cochos para que alunos e comunidades conheçam os trabalhos e projetos. -Visitas e aulas práticas.	-Que esse não seja um momento único. -Comprometimento dos educadores com o programa. -Maior participação das escolas nos eventos. -Discutir o programa em sala de aula. -Usar o linguajar local nas diversas disciplinas

Conclusões

Devido ao fato do curso ter sido itinerante, os professores tiveram a oportunidade de conhecer as quatro comunidades rurais, onde mora a maioria de seus alunos e onde estão localizadas três das escolas rurais. Puderam conhecer os programas desenvolvidos pelo projeto da ASSUSBAC e Cáritas de Januária, como recuperação de nascentes, recuperação da mata ciliar, o entreposto de beneficiamento, as 'barraginhas', e a cisterna de placa do programa 'P1MC: Um milhão de cisternas' articulado pela ASA.

O objetivo deste curso foi alcançado em vista de um primeiro passo na capacitação dos professores em relação aos recursos hídricos, humanos e culturais da região, e uma apresentação entre os atuais realizadores de projetos que envolvem a conservação e a recuperação dos recursos naturais e da cultura local, e os educadores das gerações futuras; promovendo um estreitamento desta relação no sentido de preparar as futuras gerações para seguir e ampliar as atividades locais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. E. B. **O conviver e o aprender em uma formação de professores**

Contextualizada. Núcleo de Informática Aplicada à Educação. Disponível em:

<<http://www.nied.unicamp.br/oea/>>. Acesso em: 2 de março de 2009

INEP / MEC. Ministério da Educação. **A educação no Brasil rural / Alvana Maria Bof (organização); Carlos Eduardo Moreno Sampaio...[et al.]**.- Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 236 p.; tab.

MATTOS, Beatriz & KUSTER, Angela (orgs). **Educação no contexto do semi-árido brasileiro.** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

ORR, David W. Lugar e Pedagogia. In: Michael K. Stone e Zenobia Barlow, orgs; prólogo _____; prefácio Fritjof Capra; prefácio à edição brasileira Mirian Duailibi; tradução Carmen Fisher. –São Paulo: Cultrix, 2006. **Alfabetização ecológica.** Cultrix. São Paulo, 2006.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Moran: A educação e a complexidade do ser e do saber.**

Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 115 p.

REDE ANDI BRASIL. Centro de Informática. Desenvolvido pela Simples Consultoria. Apresentam informações sobre o projeto Comunicação para o desenvolvimento, desafios do Brasil. 2009. Disponível em: <<http://www.redeandibrasil.org.br/hotsite>>. Acesso em: 2 de março de 2009